

## **PROJETO “DA INFORMAÇÃO AO CONHECIMENTO”, A LEITURA INOVADORA PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA<sup>1</sup>. GT-02-DIDÁTICA, CURRÍCULO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS**

Maria Lúcia Vieira Farias

### **RESUMO**

O artigo aborda a didática da leitura desenvolvida no projeto escolar “Da Informação ao Conhecimento”, observando-a como elemento de inovação para prática pedagógica. Assim, a leitura é vista como instrumento formador de sujeitos capazes de compreender, criticar e produzir diferentes tipos de textos. Os saberes são mediados pelos professores de forma que a aprendizagem seja articulada com o exercício da cidadania. Neste sentido, o projeto escolar propõe uma prática educativa inovadora que direciona para conscientização e reflexão dos estudantes em diversos gêneros textuais que abordam temáticas relacionadas a realidade deles em preparação para vida. Esta iniciativa identifica a proposta de uma mudança curricular em focada na leitura e na escrita para uma nova construção do ensino aprendizagem que busca transformações para o processo educativo.

**Palavras-chave:** LEITURA. DIDÁTICA. CIDADANIA.

### **1. INTRODUÇÃO**

A falta da didática que envolve a leitura intensifica a segregação dos seres, pois compreende que são os indivíduos que integram as camadas populares e são pessoas menos privilegiadas e penalizadas pela falta de instrução e de conhecimento, tornando-se alvos fáceis para manipulação de políticos, administradores e até mesmo por indivíduos que compartilham as mesmas experiências de vida.

As escolas públicas, de fato, são fábricas de jovens inconscientes e alheios ao que ocorre na própria realidade. Eles frequentam a instituição, apenas por obrigação ou em troca da certificação, sem o reconhecimento de que a escola é entidade formadora de seres críticos. Esta realidade que se torna camuflada pelos indicadores de apenas 9,7% de analfabetos divulgados pelo censo de 2009 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que colocaram o Brasil no ranking dos pais desenvolvidos.

São dados que não ofusca na consciência do educador o fato de estarem lidando com jovens que chegam às séries finais do Ensino Fundamental (8ª e 9ª), e seguem pelos três anos do Ensino Médio enfrentando desafios ao tentar praticar a leitura nas atividades escolares.

Neste contexto, a didática da leitura aplicada em sala de aula torna-se agravada pelo desinteresse dos estudantes em continuar os estudos e conquistar a formação profissional almejada, e pela entrega, em muitos casos de violências, aos vícios e falta de concepções próprias que os impulsionem a caminhar para o lado obscuro da sociedade.

Na busca de superar esse paradigma tradicional, dar-se proposta de um novo currículo educacional, por compreender que as práticas inovadoras possibilitam uma nova maneira de focalizar a leitura e a escrita como instrumentos geradores de questionamentos e argumentos que valorizem as aulas de Língua Portuguesa, mediante a adoção de recursos, métodos e técnicas que estimulem a criatividade e a participação dos alunos nas diversas atividades que relacionem aprendizagem e democratização nos diversos setores da educação.

## **2. CONTEXTUALIZANDO O PROJETO ESCOLAR “DA INFORMAÇÃO AO CONHECIMENTO” NA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA**

O projeto “Da Informação ao Conhecimento” surgiu como uma iniciativa de professores do Centro de Múltiplos de uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Nova Russas- Ceará – Brasil. Ao manifestarem preocupação com as dificuldades dos alunos na compreensão da leitura.

A definição da escola pública mencionado na introdução contribuiu para a iniciativa deste projeto, visando um trabalho pedagógico direcionado para a leitura e a escrita com a perspectiva de propor mudanças para o cenário vigente. Assim, o projeto busca transformação para a prática escolar.

A proposta inicial permite que os alunos se direcionem até a biblioteca escolar e escolham o que querem ler, exercitando a reflexão sobre si e definindo o que despertam seus interesses em relação a leitura. Após a leitura eles debatem em sala de aula sobre a temática lida.

Os textos diversos são colocados dentro de várias caixinhas coloridas para serem lidos, ou seja, cada caixinha contém um conteúdo diferente Como: livro de literatura infanto-juvenil, poesias, recortes de jornais, propagandas, fotografias, desenhos, telas, piadas, charges, simulados de atividades, propagandas comerciais e outros gêneros que diversificam as opções ofertadas.

Assim, as caixinhas ficam organizadas na biblioteca e os alunos se dirigem para o ambiente para observarem conteúdo disponível, após as escolhas feitas, representantes de cada sala (muitas vezes, líderes e vice-líderes) com o apoio dos professores da biblioteca leva o material para sala de aula para concretização do momento da leitura.

É importante dizer que a escolha é feita pelos próprios alunos, porém compartilhada com o professor que ministrará a aula selecionada para o trabalho da leitura naquela semana. Esta organização contribui para que ele não se sinta distanciado da escolha dos alunos e para que haja uma interação maior entre eles. Principalmente porque no momento da leitura não acontece apenas nas aulas de Língua Portuguesa e sim em um rodízio que envolve todas as disciplinas.

Para evitar a repetição de conteúdo na mesma sala, os professores de apoio que ficam na biblioteca mantêm o controle, através de uma tabela que determina o conteúdo lido por cada sala. Após a realização da leitura o conteúdo é debatido pelo grupo para promover a troca de ideias e socializar as diferentes formas de pensar dos alunos, visando à troca de ideias e opiniões com as quais se identificam e iniciem suas produções que são avaliadas pelos professores.

Assim, ressaltamos a concepção de inovação na didática da leitura com a intenção de transformar o cenário tradicional, preparando indivíduos para seguir uma rotina de atividades em tempo determinado e execução de tarefas direcionadas para o mercado de trabalho, copiando os parâmetros determinados pela Revolução Industrial.

O aluno é preparado para o mercado de trabalho, através de métodos e práticas que mecanizam, tornando-o apenas um mero repetidor do que lhe é ensinado, enquanto o conhecimento que ele traz se torna esquecido, por conseguinte a escola segue o ensino em massa, que se sintetiza na existência de salas de aula lotadas com grandes números de alunos subordinados a conteúdos que são apenas repassados em um período de 50 minutos (tempo de duração de uma aula) seguindo uma grade curricular que sistematiza o ensino e ignora a aprendizagem.

Toffler (1970; p. 393) lembra que o ensino em massa foi à máquina genial criada pela civilização industrial para conseguir o tipo de adulto que precisava, acrescentando que:

A solução só podia ser um sistema educacional que, na sua própria estrutura, simulasse esse mundo novo. Tal sistema não surgiu logo; ainda hoje conserva elementos retrógrados da sociedade pré-industrial. No entanto, a ideia geral de reunir multidões de estudantes (matéria-prima) destinados a ser processados por professores (operários) numa escola central (fábrica), foi uma demonstração de gênio industrial.

Assim, o uso do termo “mudança na ação pedagógica” tem embasamento nas palavras de Fino (2010; p. 277) quando diz:

Inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, em face às práticas pedagógicas tradicionais. É certo que há factores que encorajam, fundamentam ou suportam mudanças, mas a inovação, ainda que se possa apoiar nesses factores, não é neles que reside, ainda que possa ser encontrada na maneira como são utilizados.

Portanto, o autor nos diz que a inovação da didática implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas desde que envolvam um posicionamento crítico, explícito ou implícito, em face às práticas pedagógicas tradicionais. Ainda fazendo um paralelo da Inovação Pedagógica com o ensino tradicional, Carraher (2003; p.12) diz que: “No modelo tradicional o ensino é a transmissão de informações e a aprendizagem é a recepção de informações e seu armazenamento na memória”.

Nesta conjuntura, Fernandes (2000; p. 48) também enfatiza a Inovação Educacional da seguinte forma:

[...]Toda inovação transporta consigo uma intenção de mudança, nem toda mudança, introduz necessariamente inovação. A mudança pode, por vezes, significar apenas a recuperação de Práticas do passado. Se nos reportarmos ao conceito de inovação numa perspectiva cultural, este parece definido como fase inicial do processo de mudança, caracterizando-se por combinar elementos familiares com estruturas novas.

As palavras da autora vão de encontro com a questão evidenciada anteriormente, no momento em que defendemos a participação e autonomia do aluno no papel de agente construtor da própria aprendizagem, assim ele poderá concretizar na sua vivência lá fora o que aprende na escola na convivência com a família e com outras pessoas da comunidade, sugerindo que a aprendizagem tem suas bases no aprender coletivo.

### **3. A LEITUR CONSCIENTIZADORA E O CONTEXTO HISTÓRICO DA LINGUAGEM NA BUSCA DE PROMOVER INOVAÇÃO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

O termo “leitura” traz em seu bojo uma complexa compreensão que no remete a diversificação de pensamentos que despertam amplas operações cognitivas, dentre as quais enfatizamos a leitura de ambientes, paisagens, pinturas, ações humanas, gestos, enfim de infinitas situações, coisas, pessoas e objetos que levem o aluno a diversificar suas ideias e a tornar-se construtor nas práticas educativas e socioculturais. Neste sentido, Brazão (2010; p.107) reflete que:

[...] aprender significa tornar-se uma pessoa diferente face às possibilidades dos sistemas de relações, como significado, que as tarefas, as funções e compreensões possibilitam. Aprender é condição e forma evolutiva de pertença a uma comunidade social.

Com base na citação referenciada, focalizamos a didática da leitura em sala de aula numa perspectiva conscientizadora para tratar do processo que infere maior abertura para que o aluno estabeleça sentido ao compreender o que ler e lhe permite criar estratégias para travar relações com o mundo (FREIRE 2008) numa visão de transformação com base no que ele capta da própria realidade.

Devemos entender que a didática que envolve a leitura é um processo complexo que nos conduz a diversidade de fases e transferências que vem definida por Bamberger (1975; p.23) da seguinte forma:

O ensino da leitura deveria corresponder à percepção que conseguimos da natureza da leitura. Processo complexo, a leitura compreende várias fases de desenvolvimento. Antes de mais nada, é um processo perceptivo durante o qual se reconhecem símbolos. Em seguida, ocorre a transferência para conceitos intelectuais. Essa tarefa mental se amplia num processo reflexivo à porção que as ideias se ligam em unidades de pensamento cada vez maiores.

O desenvolvimento da aprendizagem é manifestado em ações que levam os alunos a raciocinar e refletir para adquirir consciência do que precisa ocorrer com o seu próprio “eu”, com a sociedade e com o mundo, precisamos dizer que para esta ocorrência será necessário à adoção de uma postura diferenciada por parte da escola para que os estudantes se sintam estimulados a se tornar bons leitores e capazes de fazerem suas próprias produções com empenho e dedicação para se sentirem envolvidos no contexto social.

Em relação à leitura Silva (2009; p. 33) explica que há três tipos:

Leitura Mecânica, a que consiste na habilidade de decifrar sinais; Leitura de mundo é um processo continuado, que começa no berço e só se encerra no leito de morte. [...] nos ensina a ler mais do que sinais pretos sobre folha branca. É a leitura tomada em seu sentido mais amplo; a terceira é a leitura crítica, que se alia a leitura mecânica à de mundo, numa postura de avaliativa, perspicaz, tentando descobrir intenções, comparando a leitura daquele momento com outras que já foram feitas, questionando, tirando conclusões.

Como diz a autora à leitura crítica aliada a leitura de mundo proporciona mudança na prática educativa em busca de alcançar “um novo percurso” no cotidiano escolar, pois a partir do momento em que o aluno põe em prática na sua vivência, o saber que tem dentro de si ele adquire confiança e autonomia para questionar as informações que capta nos textos para enriquecer os diálogos que mantem com colegas e professores construindo comunicação e ampliando os recursos argumentativos da linguagem.

Essa fundamentação da didática da leitura funciona como elemento de interação surge refletido nas palavras de Koch (2006; p. 16) que afirma:

Na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que-dialogicamente – nele se constroem e são construídos. Desta forma há lugar, no texto, para toda uma gama de implícitos, dos mais variados tipos, somente detectáveis quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociolinguístico dos participantes da interação.

A didática da leitura é vista como elemento interativo da linguagem que no Brasil só passou a ser vista como instrumento de comunicação a partir de 1970, quando foi dada a ênfase na existência de um interlocutor e uma mensagem que deveria ser entendida pelo aluno para reproduzi-la na escrita que seguia e segue um padrão preestabelecido que prioriza as estruturas gramaticais como: substantivos; preposições; adjetivos; verbos; conjunções; etc. e não as questões reflexivas com referências sociais.

Só algum tempo depois as concepções marxistas de Mikhail Bakhtin (1895-1975) trouxeram uma nova visão sobre o estudo da linguagem, ao relacioná-la com a sociedade, colocando o signo da dialética como efeito das estruturas sociais. Em sua obra “Marxismo e Filosofia da linguagem” (2010; p. 36) o autor diz que:

Cada signo ideológico não é apenas m reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. [...] A realidade do signo é totalmente objetiva e, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo. Um signo é um fenômeno do mundo exterior. O próprio signo e todos os

seus efeitos (todas as ações, reações e novos signos que ele gere no meio social circundante) aparecem na experiência exterior.

Para Bakhtin o estudo da língua valoriza-se não pela sua individualidade, mas pela sintonia com a fala que está indissolivelmente ligada a comunicação e identifica-a como motor das transformações linguísticas que se ligam as modificações ideológicas que reflete as estruturas sociais democráticas.

Em concordância com a questão exposta, Paiva ET AL (2008; p. 20) afirmam:

Uma democracia cultural plena supõe que todos os cidadãos tenham acesso à leitura, isto é, supõe uma distribuição equitativa das condições de possibilidade de leitura e de direito à leitura. Sob esta primeira perspectiva de análise das relações entre leitura, democracia e cultura, discute aqui três aspectos: em primeiro lugar, pretendo demonstrar que a distribuição equitativa das condições de possibilidade de leitura e do direito à leitura não ocorre na sociedade brasileira; em segundo lugar, busco causas porque assim o é; finalmente, em terceiro lugar, arrisco uma modalização do princípio de que a leitura é condição para democracia cultural, propondo limites para essa relação condicionante.

A democracia cultural pressupõe que a leitura conscientizadora desperta no educando o reconhecimento de se enxergar como cidadão conhecedor as mudanças que atingem a sociedade, identificar os avanços alcançados pela ciência e a tecnologia e reconhecer fatores que provocam a necessidade de transformar a prática educativa no que diz respeito ao uso da leitura e da escrita para que estas passem serem elementos movedores de construções sociais.

#### **4. O PAPEL DA ESCOLA E A FUNÇÃO SOCIAL DIDÁTICA DA LEITURA NA FORMAÇÃO CIDADÃ**

A sociedade contemporânea, movida por uma aceleração desenfreada na produção e disseminação de conhecimento, tem gerado competições mais caracterizadas pelo desejo de consumir do que pela busca de desenvolvimento cognitivo e cultural. Inaugura-se, assim, um novo modelo social de existência, que acentua cada vez mais a falta de respeito aos valores morais e a perda de identidade do indivíduo e valoriza a superexposição à informação como requisito necessário para a aprendizagem.

Por conseguinte, tratar da função social da escola oportunizando a construção de uma relação pragmática com o saber para a preparação dos “aprendizes”, uma relação de construção da própria história, em um contexto social que inclui seres de diversas etnias, culturas, religiões e poderes

aquisitivos, para que busquem ideias promotoras de mudanças benéficas nos diversos aspectos sociais (PERRENOUD, 2000, P.).

Soares (2009) observa que o “ser” é considerado letrado quando começa a ter contato com os livros, mesmo quando se trata da criança que ainda não frequenta escola, mas é incentivada a folhear livros, criando um mundo imaginário a partir das figuras que identifica.

Esse acesso às informações acontece em decorrência da relação que se estabelece entre leitura como diálogo e texto como enunciado (KLEIMAN, 2006), promotora da compreensão ativa dos diversos gêneros de textos colocados à disposição dos alunos para que os leiam, escrevam e analisem criticamente, na condição de sujeitos ativos de sua aprendizagem.

Essa liberdade, no dizer de Freire (1987.), “[...] é uma conquista que exige uma busca permanente e não uma doação”, e só se torna possível a partir da abertura para novos conhecimentos provenientes das informações repassadas pelos textos.

Assim, a didática da leitura assume o papel de reflexão em busca de um novo currículo que contemple a aprendizagem significativa, capaz de melhorar a autoestima do aluno e possibilitar a posse de determinadas informações (relativas ao gosto, ao estilo, aos valores cultivados por pessoas de diferentes classes), que Bourdieu (2008) referencia como “capital cultural”, pode impulsioná-lo a um nível mais elevado de existência, que não se condiciona à sua situação econômica, favorecendo uma formação cidadã, que desperta nele a consciência crítica dos direitos e deveres para que se reconheça no papel de agente ativo e construtor de uma sociedade equilibrada.

Esse despertar de consciência valoriza o desempenho da prática educativa essencialmente voltada à preparação de leitores para adentrar o mundo da leitura em busca de informações que asseguram a participação não apenas os círculos da escola, mas que transcende a leitura dos livros, como observa Lajolo (1993), para quem a leitura deve ser encarada como prática circular e infinita, que promova a construção de mudança social.

Uma mudança focada na didática que envolve o ato de ler e escrever como ações interdisciplinares, pois estão presentes em todas as disciplinas escolares e dão abertura para a “práxis autêntica” (Freire 1987), definida como reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo, fundada na consciência crítica e dialógica desenvolvida mediante a interpretação e a produção textual que acontece na reflexividade da leitura crítica.

## **5. A DIDÁTICA DA LEITURA CRÍTICA E DIALÓGICA NA PRÁTICA SOCIAL**

A didática da leitura na perspectiva crítica e dialógica, sob a observação da pedagogia de Freire (1987), consiste em método de aprendizagem que permite ao homem aprender a efetivar e exercer a liberdade conquistada numa linha de entendimento entre a reflexão e o mundo.

Cada pessoa tem sua forma de compreender e produzir, daí a importância da prática do diálogo como forma de promover a interação de ideias e conceitos para a socialização da informação e do conhecimento, por consistir no “[...] movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinidade, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca reencontrar-se além de si mesma” (FREIRE. 1987. p. 10).

Neste artigo, trabalha-se com a perspectiva de que o diálogo, para Freire (2008), é o resultado da relação que o homem trava em si mesmo e com seu semelhante em busca de respostas para os desafios e transtornos continuamente enfrentados ao longo de sua história.

Freire (1999) associa a criticidade a uma curiosidade indagadora, que mobiliza os indivíduos a fazer algo pelo mundo, a construir e reconstruir uma experiência histórica e social que lhes possibilite debater e discutir por meio do diálogo que permite a interação entre indivíduos que emitem conceitos e opiniões e ao mesmo tempo aprendem.

A criticidade vem ressaltada pela didática da leitura dialógica quando acontece tanto entre os homens quanto entre o texto e o leitor, pois à medida que este lê aquele, atribuem-lhe significações, que pressupõem a reconstrução do que foi lido a partir de um processo que envolve a decodificação e ativação de todos os conhecimentos que o leitor assemelhou durante sua existência, o seu conhecimento de mundo (MICHELETTI, 2006).

A adequação da leitura como didática inovadora e reflexiva revela-se fundamentalmente no âmbito da prática pedagógica que se propõe a favorecer a compreensão mais relevante da linguagem em sua atuação na interação e socialização de pessoas, especificamente nesta era de formação global (LOPES, 2008), da “Informação e do Conhecimento” em que se vive. Assim,

Daí surge à busca pelo compromisso com a democracia ressaltada no art. 2º da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, popularizada como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), segundo o qual “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1996).

Nessa perspectiva, Perrenoud (2000) denomina de transferência o mecanismo por meio do qual o sujeito aluno se manifesta em ações que demonstrem participação ativa, poder de decisão e

construção coletiva, através da didática da leitura como ato que auxilia na compreensão do mundo, tornando os indivíduos capazes de compreender a realidade em que vivem e de assumir suas ações com criticidade e consciência evidenciadas pelos resultados que alcançam mudanças e possibilitem inovação nas práticas educativas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação da prática pedagógica no âmbito do projeto escolar “Da Informação ao conhecimento” percebe-se a identificação de mudanças que representaram inovações para didática consolidada em uma nova postura no sistema educativo, tomando como referência experiências vividas pelos profissionais da educação com a prática da leitura.

Diante das perspectivas voltadas para a didática da leitura no contexto das práticas educativas focalizada na linha ideológica de uma mudança curricular que engloba a didática da leitura evidenciada na perspectiva de formar professores encorajados e abertos a novos conhecimentos que vinculam às transformações e asseguram a formação cidadã do educando.

O artigo concretiza na concepção de que a didática que fortalece a prática da leitura e da escrita promove transformações significativas na educação contemporânea, pois se entende que a inovação se dá na escola pública quando reconhece que o ato de ler é um processo contínuo de reflexão com acesso ao conhecimento e à informação para a conquista da formação de leitores críticos e cidadãos conscientes.

## 7. REFERÊNCIAS

BAMBERGER. Richard. **COMO INCENTIVAR O HÁBITO DA LEITURA**. 1 ed. São Paulo-UNESCO: Editora Ática.2006.

BAKHTIN. Mikhail. **MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM: Problemas Fundamentais do Método Sociológico da Linguagem**. 14 ed. São Paulo. Hucitec. 2010

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. MPOG. **Relatório do Censo de 2009 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE**. Brasília, 2009. Disponível em: <[www.folhaderondonia.com.br/noticias](http://www.folhaderondonia.com.br/noticias)>. Acesso em: 16 out. 2010.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **DOU de 23.12.1996**. Brasília, DF: Casa Civil da Presidência da República,

1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm)>. Acesso em: 16 out. 2010.

BRAZÃO, Paulo. A Prática social, a tecnologia e a construção do currículo. In A. Bento & A. Mendonça, (Ed), **EDUCAÇÃO EM TEMPO DE MUDANÇA: Liderança/Currículo/Inovação/Supervisão**. (pp-107-113) Funchal: CIE-UMA (ISBN; 978-989-95857-06)

CARRAHER, Terezinha Nunes. **APRENDER PENSANDO: Contribuições da Psicologia Cognitiva para a educação**. 17 ed. Petrópolis- RJ: Vozes. 2003.

FINO, C. N. **Inovação Pedagógica: significado e campo (de investigação)**. In:

\_\_\_\_\_ in. **EDUCAÇÃO EM TEMPO DE MUDANÇA: Liderança/Currículo/Inovação/Supervisão**. 2ª ed. Porto- Portugal: Execução Gráfica. 2010. Org. Antonio V. Bento e Alice Mendonça.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KLEIMAN, Angela et al. Leitura e prática social no desenvolvimento de competências do ensino. In: BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Org.). **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 23-36.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.

LOPES, Lucas Rodrigues. Textos que engolem textos: o dialogismo Bakhtiniano e sua contribuição para a produção textual nos níveis fundamental e médio na educação brasileira. In: MIOTELLO, Valdemir (Org.). **Janelas Bakhtinianas: refrações, reflexões e rascunhos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2008. v. 401, p. 129-140.

MICHELETTI, Guaraciaba. **Leitura e construção do real: lugar da poesia e da ficção**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PAIVA, A. *et. al.* **Democratizando a Leitura: pesquisa e prática.** Belo Horizonte: Caele, Editora Autêntica, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 3. ed. Belo Horizonte: Ática, 2009.

TOFFLER, A. **O Choque do Futuro.** Traduzido por Marcos Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Editora Arte Nova, 1971.